

Cármides

Fernando Gazoni¹

Cármides é tradicionalmente colocado entre os diálogos socráticos de Platão, diálogos pertencentes à suposta fase inicial do filósofo, ainda sob a influência de seu grande mestre, Sócrates, geralmente a respeito de temas éticos e muitas vezes, como é o caso aqui, a respeito de uma virtude particular. Assim como o *Laches* é a respeito da coragem e o *Eutífron* a respeito da piedade, o *Cármides* é a respeito da *sophrosyne*, cuja tradução mais usada é temperança, mas poderia ser sensatez, razoabilidade, bom senso, sabedoria, moderação, castidade, mesmo disciplina, como propõe a última versão para a língua inglesa, de Moore & Raymond (2019). O termo é polissêmico, e por isso é apenas transliterado na tradução aqui proposta, *sophrosyne*, sendo que aquele que possui a *sophrosyne* é dito *sophron*. Que não nos engane a definição de *sophrosyne* dada por Aristóteles na *Ética Nicomaqueia*, como a mediedade entre os prazeres do tato, cujo conceito remete mais imediatamente à temperança, ou seja, a sobriedade e moderação no consumo de alimentos, bebidas e na fruição dos prazeres sexuais. De maneira surpreendente, essa definição aristotélica não figura entre as seis definições de *sophrosyne* que são oferecidas ao longo do diálogo. Está presente, entretanto, ou ausente, na cena inicial, cuja tradução ora se oferece, e se mostra na reação à figura de Cármides, jovem de extraordinária beleza, que provoca manifestações desmedidas dos circunstantes, entre eles até mesmo o alhures autocontrolado Sócrates (o *Simpósio*, ou *Banquete*, é o diálogo em que essa característica está mais enfatizada). Muito haveria para nos questionarmos a respeito da temperança, ou da falta dela, na atitude de Sócrates frente a Cármides, mas este não é o lugar. Notemos apenas que comportamentos impetuosos se apresentam com alguma frequência nessa cena inicial, seja o desejo de Sócrates de retornar a suas conversações costumeiras, seja a reação de Querofonte diante chegada de Sócrates ou diante da perspectiva de que Cármides venha a se despir, seja na algazarra que se faz no ginásio de Táureas à entrada do personagem título, seja na ansiedade com que Crítias quer mostrar Cármides a Sócrates, seja na cena em que vários se esforçam para ter Cármides sentado junto a si, seja no ardor que acomete Sócrates ao vislumbrar o conteúdo do manto de Cármides, seja mesmo na vontade de Sócrates de examinar a alma deste. Difícil dizer qual o sentido, na economia geral do diálogo, desses episódios. Estaria Platão ilustrando um sentido de *sophrosyne* que ele deixa de

1 Doutor em Filosofia pela USP e Professor do Departamento de Letras da Unifesp.

lado no exame do conceito? Estaria ele preparando um contraponto para a primeira definição de *sophrosyne* oferecida por Cármitides como serenidade? Ou estaria Platão apenas criando cenas dignas de seu gênio literário? A resposta não é fácil e não se pretende esboçá-la aqui.

Do meu conhecimento, há três traduções do *Cármitides* para o português, a de Carlos Alberto Nunes, que traduziu todos os diálogos, a de Edson Bini, publicada pela Edipro, e uma tradução portuguesa do filósofo Agostinho da Silva, que, ao que parece, permaneceu inédita em estado de manuscrito até sua publicação nas obras completas deste. O texto grego utilizado foi o editado por Burnet para a Oxford Classical Texts, com as correções propostas por Murphy (2007) em 153 c5, 156 e4, 157 b6 e 157 d6.

Esta tradução que aqui se veicula é o agrupamento e revisão das traduções dos vários trechos do diálogo apresentadas ao longo de reuniões quase semanais entre novembro de 2020 e março de 2021 ligadas ao Projeto Temático Fapesp “Teorias da Causalidade e Ação Humana na Filosofia Grega Antiga” (2015/05317-8), coordenado pelo professor Marco Zingano, a quem agradeço o convite e a oportunidade desses encontros de estudo e tradução. Agradeço também aos que participaram das reuniões, com suas sugestões, críticas e comentários, mas especialmente a Roberto Bolzani Filho, Fátima Évora, Patrício Tierno, Evan Keeling, Eduardo Wolf, Bruno Conte, Gisele Amaral, Vicente Sampaio, Dionatan Tissot, Nélio Gilberto dos Santos, Rodrigo Guerizoli, Victor Gonçalves de Souza, André Braga, Alcides Moreno, Constança Barahona, Otavino Cândido de Paula Neto, Robson Soares, Mariane Farias e Tomás Troster. Quero agradecer também ao grupo de alunos de diversas origens e formações que, interessados no grego antigo, se reúnem duas vezes por semana, online, em encontros de tradução do texto, alguns já citados acima, mas também Marciano Romualdo, Gustavo Santana de Sena, Benoit Loeuille, Syro Cabral e Thiago Barbosa.

Referências bibliográficas

- MURPHY, D. J. “Critical notes on Plato’s Charmides”. *Mnemosyne*, Fourth Series, vol. 60, fasc. 2, p. 213-234, 2007.
- PLATO. “Charmides”. In: *Platonis opera*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit Ioannes Burnet. Tomus III. Oxford: Clarendon Press, 1903 (Col. Oxford Classical Texts).
- PLATO. *Charmides*: Translated, with Introduction, Notes and Analysis by Christopher Moore & Christopher C. Raymond. Cambridge: Hackett Publishing Company, 2019.

Cármides - cena inicial (153 a1 - 159 b6)

Platão

Tradução de Fernando Gazoni

[153 a1] Havíamos chegado no dia anterior, ao entardecer, do acampamento de Potideia, e como eu chegava depois de um longo tempo, era com prazer que me dirigia aos locais de encontro costumeiros. Em particular, fui ao ginásio de Táureas, que fica em frente ao templo de Basile, e ali encontrei muita gente, alguns desconhecidos para mim, mas também muitos conhecidos, a maioria. [153 b1] Como me viram entrando inesperadamente, de imediato passaram a me saudar de longe, uns e outros daqui e dali. Querofonte, porém, sendo exaltado como é, saltou por dentre eles, veio correndo até mim e, me tomando pela mão, “Sócrates, como te salvaste da batalha?”. Pouco antes de nosso retorno, havia ocorrido uma batalha em Potideia da qual os daqui estavam informados há pouco. E eu “Deste jeito aqui, como tu próprio podes ver”. “Mas aqui se anunciou ao menos que a batalha foi muito [153 c1] violenta e que nela muitos conhecidos morreram”. “E com boa dose de certeza se anunciou a verdade”. “Mas você esteve na batalham, não?”. “Estive”. “Então senta aqui”, disse ele, “e conta para nós: pois não estamos ainda informados de tudo com clareza”. Em seguida, me conduzindo para junto de Crítias, filho de Calescro, me faz sentar. Assim, tomando meu assento, passei a cumprimentar Crítias e os demais e a contar para eles as notícias do acampamento, [153 d1] aquilo que alguém perguntasse, e uns e outros perguntavam umas e outras coisas. Quando já tínhamos bastante de tudo isso, eu, por minha vez, passei a perguntar a eles das coisas daqui, a respeito da filosofia, como estavam as coisas agora, a respeito dos jovens, se havia entre eles os que se destacassem pela sabedoria ou pela beleza ou por ambas. E Crítias, afastando o olhar [154 a1] na direção da porta e vendo alguns jovens entrando em invectivas mútuas e outra leva seguindo-se atrás, “a respeito dos belos, me parece que logo irás saber: pois estes que estão entrando são como que o batalhão avançado e amantes daquele que reputadamente é o mais belo, ao menos por ora, e me parece que ele próprio também já está prestes a entrar”. “Quem é, e filho de quem?”. “De certa forma você o conhece, mas ainda não estava na idade antes de você [154 b1] partir, é Cármides, filho de Gláucon meu tio, e meu primo”. “Sim, conheço, por Zeus!, pois, ainda criança, nem então era de pouca monta, de modo algum, e agora, imagino, já deve ser rapaz feito”. “Logo você vai ver a idade e como ele ficou”. E, ao dizer isso, Cármides entra. Que por mim, companheiro, não se meça

nada: sou uma régua sem marcas quando se trata dos belos – pois, em certo sentido, quase todos os que estão nesta idade me parecem belos – entretanto, [154 c1] naquele exato momento, aquele rapaz se mostrou formidável a mim, tanto pela estatura quanto pela beleza, e todos os outros pareciam, a mim ao menos, estar enamorados dele – de tal modo estavam embevecidos e em algazarra no momento em que ele entrava – e havia muitos outros enamorados também entre os que se seguiam. Nossa reação, dos homens, era menos espantosa. Mas eu prestava atenção nas crianças também, como nenhuma, nem a menor entre elas, olhava para outro lugar, mas todos o admiravam como se fosse uma estátua. E [154 d1] Querofonte, chamando minha atenção, “o que te parece o jovem, Sócrates? Não tem uma bela face?”. “Extraordinariamente”, eu disse. “Mas, ah!, se ele vier a despir-se, nem face ele te parecerá ter, tal é a beleza de suas formas”. Os outros diziam o mesmo que Querofonte. E eu, “por Hércules, vocês o descrevem como sem rivais, se é que apenas um pequeno detalhe ainda se faz presente nele”. “Qual?”, disse Crítias. [154 e1] “Se acaso sua alma é naturalmente bem dotada; e, suponho, Crítias, que cabe a ele ser desse tipo, sendo, como é, de sua estirpe familiar”. “Mas decerto ele é excelente também quanto a isso”. “Por que, então, não o despimos logo disso mesmo e contemplamos antes das formas? Seguramente, sendo dessa idade, aceitaria prontamente o diálogo”. “Mas certamente, uma vez que, veja, é inclinado à [155 a1] filosofia e, como parece a outros e a ele próprio, é cultivado em matéria de poesia”. “Isto, estimado Crítias, esta beleza, de longe se dispõe para os da sua família, desde o parentesco com Sólon. Mas por que você não me mostra logo o rapaz chamando-o aqui? Pois nem que fosse porventura ainda mais jovem seria vergonhoso para nós conversar com ele, não ao menos diante de ti, a um tempo seu tutor e primo”. “Dizes bem e vamos chamá-lo”. E [155 b1] imediatamente, dirigindo-se ao servo, “Rapaz, chama o Cármides, dizendo que quero apresentá-lo a um médico a respeito da enfermidade da qual há pouco ele me dizia sofrer”. E dirigindo-se a mim, “Agora há pouco ele disse ter a cabeça um tanto pesada, desde quando se levantou, cedo. Aliás, o que te impede de pretextar para ele que conheces um remédio para a cabeça?”. “Nada. Que ele venha, apenas”. “Já, já estará aqui”. O que então aconteceu. Ele chegou, e provocou algo bastante [155 c1] hilário: cada um dos que estávamos sentados, procurando ceder lugar, passou a empurrar pressuroso o vizinho a fim de que Cármides se sentasse junto a si, até que, dos que estavam sentados na extremidade, um, fizemos levantar-se, e o outro, derrubamo-lo de lado. Mas ele, ao vir, tomou lugar entre mim e Crítias. Neste ponto, entretanto, meu amigo, eu já me encontrava em apuros, e a anterior convicção que eu tinha, na suposição de haver de conversar muito livremente com ele, já estava por terra. E quando, ao Crítias dizer que era eu quem conhecia o remédio, e ele me olhou [155 d1] nos olhos de um modo algo indescritível e se preparava para lançar sua pergunta, e todos os que estavam no

ginásio afluíram em conjunto formando um círculo completo em torno de nós, neste exato momento, meu nobre amigo, eu vi o conteúdo dentro do manto, e me ardia, e já não estava mais em mim, e considerei da mais alta sabedoria Cídias nos seus poemas eróticos, que disse, ao aconselhar um companheiro, falando sobre um belo rapaz, ‘que se acautele a corça para que, ao vir diante do leão, não seja agarrada como um pedaço [155 e1] de carne’. Pois eu próprio me considerava presa de uma tal criatura. Não obstante, quando ele perguntou se eu conhecia o remédio para a cabeça, a duras penas respondi que conhecia. “Qual é, então?”. E eu disse que o próprio remédio era uma erva, mas que havia uma cantilena a ser sobreposta ao remédio que, se alguém a recitasse ao mesmo tempo e usasse a erva, o remédio faria a pessoa completamente sã, mas, sem a cantilena, a erva de nada adiantaria. [156 a1] “Vou anotar a cantilena, então, de ti”. “Em que situação? Se me convenceres a isso ou ainda que não o faças?”. E ele, rindo, “se eu te convencer, Sócrates”. “Que seja! E meu nome, estás seguro dele?”. “Se é que não me engano: pois, entre os de nossa idade, não são poucos os ditos a teu respeito, e, quanto a mim, me lembro, ainda criança, de ti junto a este meu primo Crítias”. “Muito bem. Então, pois, [156 b1] vou te falar antes abertamente a respeito da cantilena, o que exatamente ela vem a ser. Há pouco eu me encontrava em dificuldades sobre a maneira como eu te mostraria suas virtudes. Ela é tal, Cármides, que não é capaz de curar a cabeça sozinha, mas, como talvez também tu já tenhas ouvido dos bons médicos, sempre que alguém vem a eles sofrendo dos olhos, dizem, de alguma forma, que não é possível curar apenas os olhos, mas que é necessário tratar ao mesmo tempo também a cabeça, se há de ter [156 c1] em bom estado também os olhos. E, na sequência, dizem que imaginar tratar a cabeça por si mesma sem tratar todo o corpo é uma grande tolice. E, com esse argumento, prescrevendo suas dietas para o corpo inteiro, põem-se a tratar e curar a parte junto com o todo. Ou não observaste que eles se pronunciam dessa forma a respeito dessas coisa e que elas são assim?”. “Certamente”. “Então, não te parece correto o argumento? Tu o aceitas?”. “Acima de tudo”. [156 d1] E eu, ao ouvir o elogio de aprovação dele, comecei a recuperar a confiança, que aos poucos voltava a recompor-se, e me sentia instigado novamente. Eu disse “bem, essa é a natureza, Cármides, também dessa cantilena. Aprendi-a eu mesmo na campanha militar, de um dos médicos trácios de Zalmóxis, médicos dos quais se diz que até fazem os homens imortais. Me dizia este trácio que isso que eu agora mesmo mencionava, os médicos helenos diriam com acerto, “mas Zalmóxis,” disse ele “nosso rei, que é um deus, afirma [156 e1] que, assim como não se deve tentar curar os olhos sem a cabeça, nem a cabeça sem o corpo, de mesma forma tampouco se deve tentar curar o corpo sem a alma, e que essa é justamente a causa de muita doença escapar aos médicos helenos, porque ignoram o todo, do qual é necessário cuidar, todo cuja parte, não estando bem o todo, é impossível que esteja bem. É da alma que tudo parte, tanto os

males quanto os bens do corpo e do homem como um todo, e é dali que eles fluem, assim como da cabeça [157 a1] para os olhos. Deve-se, então, primeiro e principalmente, tratar disso, se há de resultar em bom estado tanto a cabeça quanto o resto do corpo. Ele disse, meu nobre amigo, que a alma é tratada com cantilenas de determinado tipo, e que essas cantilenas são as palavras dotadas de beleza; que, de palavras assim, a *sophrosyne* engendra-se na alma, e que, engendrada e presente, já é então fácil promover a saúde tanto da cabeça quanto do resto do [157 b1] corpo. Ao me ensinar o remédio e a cantilena, disse “que ninguém que queira tratar da própria cabeça venha te convencer a usar esse remédio sem que tenha primeiro colocado à tua disposição a alma para ser tratada com essa cantilena. Pois é esse o erro que agora acomete os homens, que, sem considerar cada parte, tentam ser médicos de algum tipo”. E ele me recomendou muito veementemente que ninguém fosse tão rico, nobre ou belo, que [157 c1] me convencesse a fazer de outro modo. Assim eu – pois prometi a ele, e me é necessário obedecer – vou obedecer, então; e a ti, se queres, segundo as ordens do estrangeiro, primeiro fornecer a alma para que a cantilena do trácio a encante, ministrarei o remédio para a cabeça. Se não, não há o que possamos fazer por ti, caro Cármenes”. E Crítias, tendo me ouvido dizer essas coisas, “A dor de cabeça ter-se-ia transformado em um inesperado dom divino para o jovem, Sócrates, se ele, por causa [157 d1] dela, vier a ser forçado a tornar-se melhor também quanto ao pensar. Afirmo a ti, entretanto, que Cármenes difere dos de sua idade não apenas quanto à forma física, mas também quanto a isso mesmo para o que tu dizes ter a cantilena: falas da *sophrosyne*, não é?”. “De fato”. “Saiba bem, então, que ele é considerado o mais *sophron* de todos os de agora, e em relação a tudo mais, até onde lhe facultar a idade, não é inferior a ninguém”. “De fato, é mesmo justo, Cármenes, que você se destaque [157 e1] dos demais em todos esses aspectos: pois penso que nenhum outro dos presentes poderia facilmente mostrar de quais duas casas atenienses, reunidas, poderíamos esperar que dessem origem, com alguma probabilidade, a alguém mais belo e melhor do que as casas das quais você nasceu. Pois a vossa casa paterna, de Crítias, filho de Drópides, nos foi legada com louvores por Anacreonte, Sólon e muitos outros poetas como destacada em beleza, [158 a1] em virtude e em tudo o mais que se nomeia como felicidade. A seu turno, o mesmo se dá quanto à sua casa materna. Pois de Pirilampo, seu tio, se diz que ninguém no continente é reputado varão mais belo e portentoso, tantas vezes quantas ele esteve presente como embaixador junto ao grande Rei ou a algum outro soberano da Ásia, toda sua casa em nada é inferior à outra. De fato, nascido de tais antepassados, é razoável seres o primeiro em tudo. Quanto ao que se vê [158 b1] da forma, caro filho de Gláucon, pareces a mim não estares abaixo de nenhum dos que vieram antes de ti em nada: e ainda, se, de fato, também quanto à *sophrosyne* e quanto às outras coisas mencionadas por Crítias aqui, és nascido bem dotado, bem aventurado, caro

Cármites, te deu à luz tua mãe. Pois bem: se já está presente em ti, como afirma Crítias, a *sophrosyne* e és adequadamente *sophron*, não te será mais necessária em nada a cantilena, nem a de Zalmóxis, nem a de Ábaris Hiperbóreo, mas já se deve administrar a ti o remédio [158 c1] para a cabeça por si só. Mas se ainda pareces ser carente dessas coisas, deve-se recitar a cantilena antes de administrar o remédio. Tu próprio, assim, diga a mim se concordas com isso e afirmas já partilhares adequadamente da *sophrosyne* ou seres carente dela”. Cármites, então, primeiro enrubesceu e mostrou-se ainda mais belo - de fato, a timidez coube bem à idade dele -, mas, em seguida, respondeu de um modo não desprovido de valor. Disse que não era fácil, naquele momento, nem assentir, nem discordar [158 d1] da pergunta. “Pois, por um lado, se disser que não sou *sophron*, não só é estranho alguém afirmar algo assim de si próprio como, ao mesmo tempo, apresentarei Crítias como suspeito, não só ele, mas muitos outros, aos quais, segundo o que ele diz, eu pareço ser *sophron*. Se, por outro lado, disser que sou *sophron* e elogiar a mim mesmo, isso se mostrará pedante, talvez. De modo que não tenho o que te responder”. “Te mostras razoável no que falas, Cármites. A mim parece que seria necessário examinar em conjunto se possuis [158 e1] ou não isto que eu procuro saber, a fim de que nem sejas forçado a dizer o que não queres, nem eu, por minha vez, me volte à medicina sem exame prévio. Se queres, estou disposto a examinar contigo. Se não, deixa estar”. “Mas isso é o que quero mais que tudo, de forma que, em vista disso mesmo, examina da maneira que tu próprio consideras melhor examinar”. “É desta forma, então, que me parece melhor o exame: é evidente que, se a *sophrosyne* está presente em ti, [159 a1] és capaz de ter alguma opinião a respeito dela. Pois, de alguma forma, é necessário que a presença dela (se de fato está presente), forneça alguma percepção com base na qual haveria em ti alguma opinião sobre ela, o que ela é e que tipo de coisa é a *sophrosyne*. Ou não pensas assim?”. “Eu, sim, penso”. “Então exatamente isto, o que pensas – uma vez que decerto sabes falar grego –, certamente dirias o que isto mesmo te parece?”. “Provavelmente”. “Para que, então, avaliemos se ela está presente em ti ou não, diga o que afirmas ser a *sophrosyne* segundo tua opinião”. [159 b1] E ele, a princípio, hesitava e não estava muito disposto a responder. Em seguida, entretanto, disse que a *sophrosyne* lhe parecia ser fazer tudo de modo ordenado e com serenidade, tanto caminhar nas ruas quanto conversar, e fazer tudo o mais da mesma forma. “A mim parece que isto que perguntas é, em suma, certa serenidade”.